

AS STRONGWOMEN DA BELLE ÉPOQUE E A QUEBRA DO MITO DA FRAGILIDADE INATA

Iasmim Santos¹

Patrícia Lessa dos Santos²

Resumo: O período conhecido como *Belle Époque* evoca as inovações tecnológicas e a efervescência cultural que vai para as ruas na Europa. A história das mulheres entre o fim do século XIX e o início do XX, pode ser pensada na perspectiva das transformações da cultura corporal e das invenções tecnológicas da musculação. Algumas mulheres como Madame Montagna, Mária Lurs, Sandwina, Minerva, Elvira Sanson e Vulcana foram precursoras nas exibições públicas de força, algumas delas ganharam notoriedade, no entanto, um silêncio paira sobre estas histórias de mulheres conhecidas como *strongwomen*. Nossos objetivos foram relacionar as atividades das artes corporais com as primeiras tecnologias da musculação e entender o processo de inserção delas nas atividades de força. As nossas fontes foram *Historie Síly*, *Female Single Combat Club* e *Iron Game History*, caracterizadas como primárias fornecem os registros. Em nossos procedimentos, ressaltamos a epistemologia feminista com destaque para Rodríguez (2004) Rago (2008) e Plant (1999). Os espetáculos de força física realizados por algumas destas mulheres percorreram a Europa e, de certo modo, elas inventaram modos de exibir sua arte e conquistar o respeito em um período no qual a feminilidade e a fragilidade eram atributos destinados às mulheres. Ao revisar os feitos de algumas dessas mulheres podemos afirmar a positividade de outras configurações corporais para as mulheres ao longo da história.

Palavras-chave: *Strongwomen*; *Belle Époque*; História das mulheres.

Abstract: The period known as Belle Époque evokes the technological innovations and the cultural effervescence that goes to the streets in Europe. The history of women between the end of the nineteenth century and the beginning of the twentieth can be thought the perspective of the transformations of body culture and technological inventions of bodybuilding. Some women like Madame Montagna, Mária Lurs, Sandwina, Minerva, Elvira Sansoni and Vulcana were precursors in the public displays of strength, some of them gained notoriety and however, a silence hovers over these stories of women known as strongwomen. Our objectives were to relate the activities of the corporal arts with the first technologies of the bodybuilding

¹ Graduada em Processos Gerenciais (UFPEL). Graduanda em Educação Física. Idealizadora da marca *No Pain, No Musa*. Atleta *Fitness* pela IFBB (*International Federation of Bodybuilding and Fitness*). Atualmente compete na categoria *Miss Wellness*.

² Doutora em História (UNB). Mestre em Educação (UNICAMP). Graduada em Educação Física (UFPEL). Atualmente é Docente do Departamento de Fundamentos da Educação (DFE/UEM) e Coordenadora do Grupo de Estudo das Pedagogias do Corpo e da Sexualidade (GEPECOS/UEM).

and to understand the process of insertion of them in the activities of force. Our sources were *Historie Sily*, *Female Single Combat Club* and *Iron Game History*, characterized as primaries provide records. In our procedures, we highlight the feminist epistemology, with emphasis on Olesen (2006) Rago (2008) and Swain (2017). The spectacles of physical strength performed by some of these women traversed Europe and, in a way, they invented ways of displaying their art and gaining respect in a period in which femininity and fragility were attributes for women. In revisiting the achievements of some of these women, we can affirm the positivity of other bodily configurations for women throughout history.

Keywords: Strong women. Belle Époque. Feminism. History.

EIS QUE SURGEM AS STRONGWOMEN...

Em 1970, quando Robin Morgan escreveu *Sisterhood is powerful: an anthology from the women's liberation movement*, a obra logo tornou-se referência entre feministas ao redor do mundo e teve um papel fundamental na escrita da História em uma perspectiva feminista. Morgan (1970) nomeou *Herstory* a história escrita por mulheres e/ou sobre o papel desempenhado por elas. Em uma perspectiva misógina a História excluiu ou silenciou os feitos e os nomes destas mulheres.

Algumas décadas depois dos feminismos dos anos 1970 houve alguns avanços sociais. Na historiografia feminista as *Strongwomen* representam importante elemento para pensar o papel das mulheres nos esportes. Quando refletimos sobre a participação feminina na atualidade, pensamos na sua “política de localização” (HARAWAY, 1995) e no contexto histórico no qual emergiram os acontecimentos. O papel desempenhado pelas atletas confunde-se e mescla-se com seu papel social na história da humanidade, que nos moldes tradicionais, foi escrita e interpretada de um ponto de vista masculino, de modo geral, invisibilizou algumas atletas, tais como aquelas musculadoras³ da *Belle Époque*. As musculadoras

³ Estamos nomeando de *musculadoras da Belle Époque* mulheres que se envolviam em treinamento de força, genericamente, nomeados hoje de musculação. Elas treinavam para realizarem exposições de força em locais públicos e, com isso, trabalhavam e ganhavam notoriedade e reconhecimento. As atividades eram ligadas, em algum caos, às atividades circenses.

inventavam algumas formas de exibir sua arte e conquistar o respeito em um período no qual a maternidade, a feminilidade e a fragilidade eram atributos inatos destinados às mulheres. Imaginava-se e se trabalhava via sistemas jurídicos e médicos para que a maternidade fosse obrigatória para todas as mulheres consideradas saudáveis. No final do século XIX e início do XX, escritoras libertárias como Maria Lacerda de Moura escreveram sobre o tema, a autora propunha: “A suprema resistência ou a resistência heroica da mulher em face da civilização capitalista é a greve dos ventres, é a maternidade consciente e limitada, recusando-se a engendrar a carne para os canhões” (MOURA, 1932, p. 25). No mesmo período as *suffragettes* reivindicavam o direito ao voto e o acesso aos estudos. A frente de batalha estava consolidada e as mulheres não estavam dispostas a se calarem diante das exclusões e das injustiças.

As mulheres estiveram presentes no mundo das atividades físicas e dos esportes no mesmo período que os homens, ou seja, quando, começaram a caminhar em busca de alimentos e de meios para sobreviverem e, em vários contextos geohistóricos, lideraram exércitos e, portanto, se empenharam em treinamentos de força. Na Alta Idade Média, Vlasta liderou um exército de mulheres na região da Boêmia e conquistou terras durante o reinado da Imperatriz Libuse (GIANSANTI; GATTI, 2016; DAVIS-KIMBALL, 2002). Na antiguidade grega, nomes como Kyniska e Belistiche venceram provas olímpicas em homenagem às divindades guerreiras, como por exemplo, Ártemis e Atena (CHIÉS, 2006), além destes jogos, nos quais havia menor acesso às mulheres, havia os Jogos de Heraia, reservado às mulheres e dedicados à deusa Hera ou dos Jogos de Haloá e os Jogos de Eleusinia dedicados à Ártemis. Nos livros tradicionais de história, ocultam-se estes jogos ou mesmo, em versões mais misóginas, escrevem-se que as mulheres não competiam nos Jogos Olímpicos da Antiguidade. Ao visitar alguns destes feitos, podemos afirmar a positividade de outras configurações corporais e sociais para as mulheres ao longo da história.

Baseado numa visão vitoriana de papéis sociais femininos e masculinos, o Barão Pierre de Coubertin, idealizador dos Jogos Olímpicos Modernos, excluiu as mulheres de sua participação, numa demonstração do quanto as questões de

gênero camuflaram as relações de poder e determinaram a mobilização feminina para a conquista de direitos (PFISTER, 1997; HARGREAVES, 2000). Esse procedimento era uma demonstração de que o Barão de Coubertin, em consonância com seu tempo, via os jogos como um fórum apropriado para representar somente a esfera competitiva masculina, pois entendia que as mulheres possuíam uma “incapacidade inata” (RODRÍGUEZ, 2004; GOLD, 1999).

Nos esportes, as questões relacionadas à política corroboraram para a construção científica de uma “verdade inventada” ao afirmar que habilidades físicas tais como a força, a virilidade e a coragem são atributos masculinos. Com a ajuda da ciência moderna os homens conseguiram, parcialmente, preservar o poder em seu domínio, por meio da disputa de jogos e pelas celebrações públicas de suas proezas físicas (RUBIO; SIMÕES, 1999), garantindo que a legislação apoiasse a exclusão das mulheres. Porém, as mulheres resistiram, criaram seus próprios grupos e competições e, aos poucos, adentraram no universo dos Jogos Olímpicos e, posteriormente nas Ligas e Federações (PFISTER, 1997) e, aos poucos, naquelas vinculadas aos esportes de força, diretamente relacionados à musculação.

Nessa perspectiva, este artigo, escrito à quatro mãos, se propôs a pensar o papel das *Strongwomen* durante a *Belle Époque*; nossos objetivos foram relacionar as atividades das artes corporais com as primeiras tecnologias da musculação e entender o processo de inserção delas nas atividades de força. As nossas fontes foram *Historie Síly*, *Femele Single Combat Club* e *Iron Game History*, caracterizadas como fontes primárias que nos fornecem os registros escritos e as imagens de algumas destas atletas. Em nossos procedimentos, ressaltamos a epistemologia feminista com destaque para Rodríguez (2004) Rago (2008) e Plant (1999).

O texto foi dividido em duas partes, na primeira nomeada “As *arts corporis* na *Belle Époque*” discorremos sobre os aspectos da historiografia feminista e da história das mulheres nos esportes. A segunda parte foi nomeada “As *Strongwomen* e a *Herstory* na musculação”, na qual apresentamos os trabalhos de algumas musculadoras encontradas em nossas fontes.

AS ARTS CORPORIS NA BELLE ÉPOQUE

As *arts corporis* são as expressões estéticas que dão luz aos corpos na modernidade: corpos hipertrofiados, corpos fortes, corpos nus são o espetáculo e fazem dos corpos um *show* no qual se confundem o levantamento de peso, também nomeado *strongwomen/men*, o culturismo dentre outras modalidades diretamente ligadas à musculação. Os esportes de força tiveram uma base comum relacionada às invenções dos equipamentos e das técnicas e métodos de treinamento. Passaram algumas décadas até que as primeiras Federações e Confederações fossem criadas e organizadas as competições nas modalidades específicas.

O culto ao físico ou as *arts corporis* foi possível graças às tecnologias em ascensão na modernidade. Com a criação das anilhas, dos *dumbbells*, das esferas de aço com alças, das esferas com elásticos, dos halteres com molas, das sapatilhas de aço dentre outras invenções que foram se multiplicando, também surgiram os centros de treinamento ou *gymnasios (gym)*, por exemplo, o monumental *Hippolyte Triat Gym*, criado no final do século XIX em Paris. Diz-se que tudo foi criado por homens renomados como Eugene Sandow, Attila dentre outros atletas da *Belle Époque*, mas quantas mulheres participaram destas invenções e permaneceram ocultas na historiografia?

Ainda que pareça óbvio afirmar que o corpo feminino se constrói de maneira diferente do corpo masculino, essa construção se dá reproduzindo valores e padrões adquiridos na convivência social. Vale lembrar que há uma enorme variação desses padrões, mudando de sociedade para sociedade e em um mesmo período histórico ou em um mesmo grupo social, ao longo do tempo. Quando estudamos os processos de socialização e de formação das identidades sexuais, vemos o império do paradigma heterossexual de onde emergem certas imagens institucionalizadas dentro de um padrão de hegemonia masculina e de submissão feminina. No entanto, autoras como Hilaire (2000) e Hargreaves (2000) apontam uma multiplicidade de gêneros e de lutas em torno das identidades sexuais.

Analisando ideias publicadas por Fernando de Azevedo (GOELLNER; FRAGA, 2004) é interessante notar que, mesmo que de forma negativa, este não

deixava de citar um dos famosos hipertrofiados da modernidade, Eugene Sandow, como exemplo de um mau uso da exercitação, prejudicial à constituição de um corpo masculino ideal. Aos corpos femininos não há referências explícitas sobre figuras idealizadas como há em relação a Antinoüs, muito menos cita qualquer exemplo de hipertrofia das formas femininas. Isso indica que o silenciamento e apagamento pode ser interpretado como estratégia de exclusão social via linguagem. Na obra de Azevedo, essa ausência das musculadoras se dá, não porque não havia mulheres hipertrofiadas, mas sim porque os “corpos femininos excessivos” eram considerados uma “aberração” sem precedentes e significavam um sério risco aos propósitos de generalização dos exercícios físicos moderados para as mulheres. Citá-los, mesmo que negativamente, poderia significar reconhecimento, talvez, por isso, seguiam inomináveis na obra de Fernando de Azevedo (GOELLNER, FLAGRA, 2003; 2004). Rodríguez (2004) analisa a *physis* nos textos da antiguidade e demonstra que não havia o determinismo biológico que surgiu para marcar o pensamento modernista e, em consequência, os escritos de Azevedo, diz:

En los *Tratados hipocráticos* los cuerpos de hombres y mujeres eran considerados miembros de una misma especie que básicamente participaban de la misma *physis*. Diferentes hechos lo demostraban: las mujeres particularmente activas dejan de menstruar [...] si la mujer hace deporte o lleva una vida activa, es casi como un hombre. [...] Es la forma de vida socialmente establecida la que determina las diferenciaciones morfológicas correspondientes a cada sexo. Los roles sociales no se basan en la biología, como ocurre en el pensamiento moderno, sino que, a la inversa, condicionan los rasgos corporales propios de cada uno de los sexos (RODRÍGUEZ, 2004, p. 50) ⁴.

Rubio e Simões (1999) discutem essa afirmação revelando que as mulheres, tanto na antiguidade como no mundo moderno, têm sido estudadas e descritas a partir de uma perspectiva eurocêntrica e masculina, perspectiva de quem está no

⁴ Tradução nossa: “Nos *Tratados hipocráticos* os corpos de homens e de mulheres eram considerados membros de uma mesma espécie que basicamente participavam da mesma *physis*. Diferentes feitos demonstravam: as mulheres particularmente ativas deixam de menstruar [...] se a mulher pratica um esporte ou leva uma vida ativa, é quase como um homem [...]. É a forma de vida socialmente estabelecida o que determina as diferenciações morfológicas correspondentes a cada sexo. Os papéis sociais não se baseiam na biologia, como ocorre no pensamento moderno, mas sim, o inverso, condicionam as características corporais próprias de cada um dos sexos”.

poder. Consequência disso seria a interpretação tendenciosa de registros que falam de uma história genérica da humanidade, mas que, de fato, retrata a perspectiva dos homens. Marcado como um período de lutas e conquistas, tanto no que se refere às questões políticas como sociais, foi no fim do século XIX e na primeira metade do século XX que encontramos alguns registros de mulheres fortes e uma aproximação das mulheres nos esportes de força, marcando uma ocupação efetiva neste território, que viria a crescer e ganhar novos contornos nas décadas seguintes.

O período caracterizado por investimentos artísticos e tecnológicos teve no corpo um *locus* de experimentações estéticas. A palavra *Belle Époque*, que significa bela época em português, pode ser compreendida como um estado de espírito que teve destaque na França, começou em meados do século XIX e terminou com o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914. O surgimento de algumas tecnologias, como o cinema, o telefone, as fotografias, somam-se aos equipamentos de musculação, e retratam as conexões entre novidades, no campo cultural e no científico. A França, desse modo, transformou-se em referência mundial em educação, ciência, cultura e arte, vindo a ser considerada Paris, sua capital, o centro cosmopolita da *Belle Époque*.

O destaque ao belo, ao corpo e ao divertimento são outros pontos que marcam o período. Surgem espaços culturais de entretenimento, tais como, os cabarés, as casas de concertos, os cinemas, os teatros, as livrarias, os cafés e, um pouco menos divulgados nos compêndios de história, os ambientes que eram exclusivos para as exposições físicas de força (CHAPMAN, 2010; KHROMOV, 2003; IRON, 1991). Locais que eram, geralmente, frequentados pela burguesia em alta. Citamos Rago (2008, p. 25):

A própria seleção dos que poderiam então ser identificados como normais e compor a nova força de trabalho do mundo moderno passava pela definição do tipo físico, da seleção corporal e de avaliações morais que seguramente implicaram toda uma domesticação dos hábitos de reeducação dos sentidos.

Foi um período marcado por corpos glamourizados e com a marcação fixada nas divisões binárias de gênero, por uma estética que circulava pelos espaços

públicos e casas de espetáculo ostentando luxo e riqueza. Nesse mesmo período, algumas mulheres exibiam seus corpos hipertrofiados e fortes, para espanto de uns e admiração de outros, elas eram as *Strongwomen*, se apresentavam em feiras, circos, *shows* e espetáculos nas ruas, nos teatros e *music-halls*. Na passagem do século XIX para o XX, muitas delas adquiriram notoriedade e reconhecimento público ao se apresentarem como profissionais da força e da muscularidade, tais como: Athelda, Minerva, Athleta, Gertrudes Leandros, Madame Montagna, Vulcana, Lilian Litzel, Louise Armando, Mademoiselle Aini, Miss Herta, Madame Stark, Elvira Sansoni, entre outras, tornaram-se figuras populares a apareciam nos jornais e revistas que circulavam na época (CHAPMAN; VERTINSKY, 2010). Seus espetáculos percorriam a Europa e os Estados Unidos e se caracterizavam, fundamentalmente, por demonstrações de força física em que cada qual inventava diferentes formas de exibir sua arte e, assim, adquirir prestígio e respeito. Nas obras de Fernando de Azevedo analisadas por Goellner e Fraga (2003; 2004), não há referência alguma a essas mulheres ainda que, muito possivelmente, Azevedo tivesse conhecimento delas. Tanto o seu silêncio sobre as mulheres fortes quanto a existência de Sandwina, considerada a mulher mais forte do mundo em 1910, são indícios reveladores dos discursos que sustentaram os procedimentos disciplinares daquele tempo.

O corpo estava se complicando, se despindo e hipertrofiando, se transformando, preparando o campo para os corpos *cyborgs* que já são um desfecho dos avanços do culturismo após os anos 1950 (LESSA, 2007; 2012). Como escreveu a feminista Sadie, em *A Mulher Digital*: “A vida inteligente não pode mais ser monopolizada. E longe de sumir na imaterialidade do ar rarefeito, o corpo está se complicando, replicando-se, escapando de sua organização formal, [...] que a modernidade aceitou como normal” (PLANT, 1999, p. 163). As *Strongwomen* abriram as portas para o trabalho de força e de hipertrofia dos corpos femininos e, sem dúvida, inspiraram as gerações que vieram posteriormente, mudando os rumos da musculação e quebrando as normas binárias de gênero.

AS STRONGWOMEN E A HERSTORY NA MUSCULAÇÃO

As mulheres de força marcaram posição, romperam as fronteiras entre masculinidade e feminilidade nos esportes e criaram novos corpos de pura potência muscular, ampliando o modelo da mulher atleta que não perde a feminilidade e reverberando novas corporeidades. O período de tempo conhecido como *Belle Époque* evoca as inovações tecnológicas e a efervescência cultural e artística que sai das galerias e vai para as ruas. A história das mulheres entre o fim do século XIX e o início do XX pode ser pensada através da perspectiva das transformações da cultura corporal e das invenções tecnológicas da musculação. Algumas mulheres como Madame Montagna, Mária Lurs, Sandwina (Kattie Brumbach), Minerva (Henry Shelland), Elvira Sansoni e Vulcana foram precursoras nas exposições públicas de força, algumas delas ganharam notoriedade internacional, no entanto, um silêncio paira sobre estas histórias de mulheres de força ou *Strongwomen*.

É importante ressaltar que muitas destas *Strongwomen* viviam e trabalhavam com apresentações artísticas de força e de muscularidade, porém, os poucos indícios levam a crer que haviam competições de força no início do século XX, sem um corpo federativo para organizar. As competições vinculadas à organização desportiva, tanto no fisiculturismo como no levantamento de peso, levaram algumas décadas para acontecer. A musculação, a cultura física e o levantamento de pesos se confundem no período estudado, embora alguns autores acreditem que foi somente nos anos 1970 que as mulheres aderiram às competições:

A participação das mulheres em competições de musculação iniciou-se no final da década de 1970 com uma competição chamada “A Melhor do Mundo”. Em 1980, nos Estados Unidos, aconteceu o primeiro “Campeonato Nacional” e a federação Internacional de Culturismo (IFBB) sancionou a primeira “Miss Olympia” (na época já existia o Mr. Olympia) (GUEDES, 2003, p. 3).

Bolim (et. al. 2001) informam sobre as primeiras competições nos Estados Unidos datadas dos anos 1970, porém, vale lembrar que as competições organizadas por Federações vinculadas ao esporte aconteceram antes disso. A

NABBA (*National Amateur Body-Builders' Association*) é a mais antiga do mundo, criada na Inglaterra, foi a primeira a organizar competições mundiais de grande envergadura. O primeiro *Mister Universe* aconteceu em 1948, naquele ano sagrou-se campeão John Grimek. A primeira *Miss Universe* foi a inglesa Elizabeth Lamb, em 1966. Toda a trajetória desta competição, que ainda acontece anualmente na Inglaterra, é contada no site da NABBA com destaque para o *Hall of Fame*. A IFBB (*International Federation of Bodybuilding and Fitness*) foi criada nos Estados Unidos duas décadas depois. Em 1965 a IFBB organizou o primeiro *Mister Universe*, que posteriormente mudou o nome e, ainda, é conhecido como *Mister Olympia*. Em 1965, o campeão foi Larry Scott e a primeira *Miss Olympia* foi Rachel Mc Lish, indicando que as mulheres começaram a competir duas décadas depois dos homens, em 1980. Não podemos pegar como parâmetro histórico as competições norte-americanas, mas, no entanto, nos anos 1970, houve naquele país uma explosão de eventos:

Competições destinadas à musculação feminina remontam aos anos sessenta, como o *Miss Physique* e *Miss Americana*. O primeiro *U.S. Women's National Physique Championship* foi realizado em Cantão, Ohio em 1978, e é geralmente considerado como o primeiro campeonato de *bodybuilding* feminino, pois, foi a primeira competição onde as atletas foram julgadas pela muscularidade (Todd, 2006). As competições começaram a aparecer em 1979. Alguns destas eram as seguintes: o segundo *U.S. Women's National Physique Championship*, ganho por Kay Baxter; o primeiro campeonato feminino da IFBB *Women's World Body Building Championship*, de 16 de julho, ganho por Lisa Lyon; *The Best In The World contest*, ganho por Patsy Chapman. Estas competições geralmente eram realizadas por promotores independentes, ainda faltava um corpo administrativo e o investimento das federações, situação que mudou em 1980 (Todd, 2006) (LESSA, 2012, p. 215).

Na citação anterior, os anos 1980 fazem referência às competições organizadas pela IFBB. Com os eventos, o treinamento para mulheres foi sendo outro alvo nos estudos e na circulação das experimentações corporais, como é o exemplo do filme *Pumping Iron II: The Women*, um documentário sobre as fisiculturistas, realizado a partir de uma competição nomeada de *Caesars World Cup*, lançado em 1985. Charles Gaines foi seu idealizador e o parâmetro era o

Pumping Iron I (1977), que retratou a preparação de Arnold Schwarzenegger, de Lou Ferrigno e de outros adversários em preparação para o *Mister Olympia*. Os dois documentários são norte-americanos e no *Pumping Iron II* se destacaram as atletas: Bev Francis, que antes do culturismo participava do *powerlifting* ou levantamento de peso; Rachel Mc Lish que foi duas vezes *Miss Olympia* (1980 e 1982); Carla Dunlap, *Miss Olympia* em 1983; Kris Alexander, Lori Bowen, Lydia Cheng e Gladys Portugues.

Desde então, muitas teorias apontam a aproximação entre os modelos de treinamento para homens e para mulheres, por exemplo: “Treinamento efetivo para mulheres como para homens [...] deve ser intenso. Se você oferecer o estímulo adequado, isso sinalizará ao seu músculo para que se recomponha, tornando-se maior e mais forte do que era antes” (GUIMARÃES NETO, 2003, p. 8). Muitas atletas treinavam e treinam com seus maridos, também competidores, para facilitarem o trabalho que é sistemático e intenso, por exemplo, o famoso casal Simone Erlich e Marcus Ruhl. As parcerias de treino foram se misturando ao longo do tempo e criando uma Irmandade de Ferro:

Paul durante algum tempo auxiliou o grande Mister Olympia Dorian Yates em seu programa de treino e durante esta época, costumava sair de Manchester para passar os fins de semana com Dorian em Birmingham e treinar na Temple Gym, e foi nessas oportunidades que pude conhecê-lo melhor, trocar informações e reforçar o meu respeito e admiração por um camarada sempre solícito e sincero. Ele introduziu o conceito: *The brotherhood of Iron* (A Irmandade de Ferro), que chamo de Irmãos de Maromba (GUIMARÃES NETO, 2006, p. VII).

Um dos casais mais conhecidos da *Belle Époque* foi Vulcana e Atlas que, provavelmente, treinavam juntos. Kate Roberts, nasceu no País de Gales, em 1883, usava o nome artístico de Vulcana. Registra-se que ela foi a primeira mulher a realizar o “*Tombo of Hercules*”, no qual ela se posicionava no chão em um *backbend*, uma plataforma colocada sobre seu corpo por onde caminhavam cavalos e homens. Sua força impressionou um dos mestres da cultura física na França, Edmond Desbonnet (KHROMOV, 2003).



Figura 1 - Kate Roberts Vulcana (1883-1946) com Atlas. Fonte: *Female Single Combat Club*.

O casal formava uma parceria e se apresentava em vários locais. Aqui as relações de gênero são secundárias, pois, ao conhecer Vulcana, Atlas que já era conhecido. Ele deixou a esposa e filhos e foi viver com Vulcana, formando uma parceria no esporte, na arte e no afeto.

Mária Loorberg (Imagem 2), usava como nome de palco Mária Lurs, foi uma *Strongwoman* da Estônia, nascida em 1881. Com um peso de 80Kg distribuídos em 1,68m de altura era comum treinar com pesos de 70 kg realizando um levantamento com uma só mão erguendo 50Kg acima da cabeça. Apresentava o espetáculo nomeado o “carrossel vivo” onde pessoas ficavam amarradas com cordas que ela erguia sobre os ombros e girava ao redor do palco. Dentre outros feitos, ela levantava dois homens, com peso de aproximadamente 66kg. Ficou conhecida como uma forte lutadora e foi considerada a maior atleta do império russo na sua época e região (KHROMOV, 2003; SVUB, 1997).

As conexões entre a musculação, as lutas, as apresentações artísticas e a cultura física são as *arts corporis*, as formas artísticas de exibir a força e o físico hipertrofiado. Os *gymnasios* eram alguns dos locais onde Mária Lurs esculpia seu corpo para fazer dele um *show* e um modo de vida, de trabalho e de experimentação estética. Ela e as outras atletas selecionadas formam uma história visual que nos

conta sobre as artes de esculpir os corpos e de desafiar os limites da força. É importante perceber, na segunda imagem, o tipo de exibição de força no qual ela se destacava e transformava em sua singularidade, ou seja, o “carrossel vivo” mostrado em duas pequenas imagens logo abaixo da imagem de Lurs.

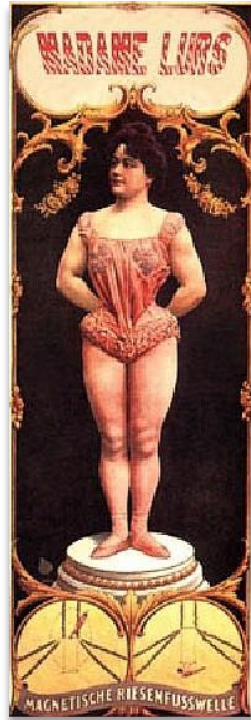


Figura 2 - Madame Lurs (Mária Lurs, 1881-1922). Fonte: *Female Single Combat Club*.

O corpo entra em cena e vira espetáculo. Uma retomada das esculturas gregas e do ideal de beleza corporal pode ser percebido na imagem (3) de Minerva. Josephine Schaur Blatt nasceu em Hamburgo, na Alemanha, ficou conhecida como Minerva, uma das mulheres fortes e bem-sucedidas no circuito das *arts corporis*. Até sua aposentadoria em 1910, aos 42 anos, ela surpreendeu o público de toda a Europa e América enquanto se apresentava em vários circos. Com uma altura de 1,73cm, ela pesava 75kg e seus bíceps mediam, aproximadamente, 45cm, suas demonstrações de força incluíam quebrar cadeiras de aço expandindo seu peito e parando balas de 24 libras disparadas de um canhão próximo. Em 1893, ela se

tornou conhecida como a mulher mais forte do mundo de acordo com o *Guinness Book of World Records*, quando levantou um total de 3,563 libras no *Bijou Theatre em Hoboken*, em New Jersey.



Figura 3 – Minerva (1869?-1923). Fonte: Svub, 1997, p. 175.

O mistério e a invisibilidade são aspectos que chamam a atenção sobre a vida e o trabalho de Minerva. A data de nascimento pode ter sido 1869 (SVUB, 1997, p. 175) ou pode ter sido 1863 (KHROMOV, 2003, *online*). As mulheres eram/são sistematicamente apagadas da história, sobretudo, aquelas que, sendo fortes e hipertrofiadas, estão na contramão das descobertas científicas que diziam que as mulheres eram, naturalmente, fracas e vulneráveis através da “teoria da incapacidade inata” (GOULD, 1999; RODRÍGUEZ, 2004).

Vale ressaltar que Minerva se aposentava quase que precisamente no momento em que a jovem Kattie Brumbach (ou Sandwina) chegou na América e apesar do legado deixado em razão de seus feitos, Minerva nos deixou com inúmeras questões sem resposta: Qual era seu verdadeiro nome? Teve filhos? Quais foram seus recordes precisos? Como era percebida pelos homens e mulheres que a viam?

Kattie ou Katie Brumbach ficou conhecida como Sandwina ou a *Iron-Queen* Sandwina. Ela nasceu em Viena, no ano de 1884, era filha de artistas de circo, desde criança praticava exercícios de força juntamente com três de suas irmãs que, como ela, também faziam exposições públicas demonstrando sua arte. Adquiriu grande popularidade nos primeiros anos do século XX, fundamentalmente quando, em um pequeno clube na cidade de Nova York, venceu Eugene Sandow em um desafio de força ao erguer sobre sua cabeça um peso total de 300 libras superando o adversário, que o ergueu somente até a altura do peito. O nome Sandwina, o duplo feminino de Sandow, foi inventado neste dia. Eugene Sandow era uma figura popular desde o final do século XIX, não só na Europa como também nos Estados Unidos. Além de participar de inúmeras exposições públicas de força física, criou um sistema de treinamento físico voltado para o desenvolvimento muscular, arregimentando vários alunos e seguidores. A imagem de seu corpo, moldado pela prática, era divulgada, também, pelo uso da fotografia e dos filmes⁵, na Europa e na América, a imagem de Sandow figurou em milhões de cartões de visitas e de selos. Não podemos dizer o mesmo dela, que ficou por longo tempo apagada da historiografia, mesmo tendo vencido o poderoso Sandow.

⁵ Para conhecer um dos filmes (maio de 1894) de Eugene Sandow acessar: <https://www.youtube.com/watch?v=7zt0E6Yh7zA>.



Figura 4 - Sandwina (Kattie Brumbach, 1884 - 1952). Fonte: Svub, 1997, p. 176.

Sandwina foi casada com Max Heymann por 52 anos e teve pelo menos um filho. Batizado com o nome de Theodore, tornou-se lutador de boxe profissional nos Estados Unidos entre os anos de 1926 e 1932, tendo adotado como nome artístico Teddy Sandwina, ou seja, numa referência explícita à sua mãe (GOELLNER, FLAGRA, 2004).

A hipertrofia e, em consequência, a musculação era, para muitos autores, considerada uma “atividade excessiva” ou uma “atividade física em demasia”. Era tida, não raras vezes, como um elemento que contribuía para o que se identificava como processo de masculinização da mulher. Isto é, sua aproximação a atributos, habilidades, atitudes, formas corporais e comportamentos estipulados como naturalmente masculinos. Julgava-se quão feminina é uma mulher pela exterioridade do seu corpo. Mudanças na ordem da “normalidade” e da “naturalidade”, como a potencialização dos corpos, a virilização e a masculinização das atletas, atravessam os discursos biologicistas e da heteronormatividade e apontam o quanto o acesso das mulheres a esse esporte é permeado por restrições (GOELLNER, FLAGRA, 2004).

Silêncios, ausências, presenças formam a memória. Se Fernando de Azevedo silenciava sobre as referências que aproximavam o corpo de Sandow à estatuária greco-romana, em relação ao corpo feminino é possível pensar que seu silêncio era repleto de significados. Por contrariar os ideais de graça e delicadeza desenhados por ele e grande parte dos intelectuais de seu tempo, corpos como o de Sandwina repousavam nas zonas de sombra. Eram considerados desviantes do que se queria naturalizar como inerente ao feminino. Portanto, não poderiam ser mencionados nem tornados visíveis, inclusive porque desestabilizavam as imagens construídas para estabilizar e assegurar um jeito feminino de ser e se comportar (GOELLNER, FLAGRA, 2004).

Nesse sentido, é possível pensar o quanto é inquietante a forma física de Sandwina. As características viris atribuídas ao seu corpo permitem não apenas questionar a legitimidade e a feminilidade de sua beleza. Sandwina subverteu com seu corpo a fragilidade das identidades fixas que tentam estabelecer as fronteiras da feminilidade normal e desviante, seu corpo quebrava a ordem dos discursos binários.

Os corpos fortes das mulheres nas imagens acima possuem uma estética própria. Silvia Bovenschen (1977) questionava se havia uma estética feminista e respondia que sim se nos referirmos a uma consciência estética e um modo de percepção sensorial. Ela se referiu às rupturas estéticas empreendidas pelas mulheres e suas árduas conquistas no campo da estética. As *Strongwomen* criaram uma estética própria e inspiraram as futuras damas de ferro do culturismo e do levantamento de peso, sem medo dos clichês e do discurso misógino da perda de feminilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rotuladas de sexo frágil, as mulheres conquistaram um espaço na sociedade. Elas invadiram os campos de futebol, as quadras, piscinas e todo o complexo esportivo que os homens, pretensamente, tentaram monopolizar. Foi um grande

avanço e o mundo do esporte cedeu aos encantos do universo feminino. Com toda sua garra e força, elas se tornaram campeãs e vencedoras de seus próprios limites, rompendo preconceitos.

Não foi tão fácil conquistar esse espaço. Com o surgimento da industrialização e da era moderna, as mulheres começaram a se organizar em torno de associações e de organizações desportivas e a lutar por um espaço próprio. Tiveram que passar por grandes esforços físicos, pois era de conceito geral a fragilidade do próprio corpo feminino, quebraram barreiras, como por exemplo, a ideia de que a principal tarefa das mulheres era apenas a procriação. Além disso, havia o medo do esporte masculinizar suas formas. Hoje temos presidentas de clubes, árbitras e atletas femininas no cenário do esporte de alto rendimento. A prática feminina de algumas modalidades esportivas é uma demonstração do esforço feito na busca do respeito à igualdade e à alteridade.

Ao realizar este estudo, o resultado aponta alguns questionamentos, tendo em vista que as musculadoras desconstróem a visão da heteronormatividade e nos convidam a ampliar a maneira de pensar e compreender as possibilidades e oportunidades femininas no contexto esportivo: as mulheres são frágeis, não possuem muscularidade evidente? Músculos são para os homens? Ocorre uma desconstrução à medida em que se desmentem as verdades absolutas construídas pela imbricação do corpo e dos gêneros. O estudo, portando, expõe as formas que as mulheres de força buscaram para exhibir sua arte e conquistar o respeito em um período no qual a maternidade, a feminilidade e a fragilidade eram atributos destinados às mulheres que implicaram, diretamente, na conquista de direitos e de espaços conquistados através de pressão e de reivindicação para os tempos atuais. Ao revisitar os feitos de algumas dessas atletas, podemos afirmar a positividade de outras configurações corporais para as mulheres ao longo da história e, ainda, ressaltar o ciclo de exclusão nos esportes, e a demonstração de uma vontade de superação e uma inabalável resistência e luta contínua.

REFERÊNCIAS

BOVENSCHEN, Silvia. Is there a feminine aesthetic? **New German Critique**. Durham, Duke University Press, n. 10, p. 111-137, 1977.

BOLIM, Anne. Bodybuilding. CHRISTENSEN, Karen; GUTTMANN, Allen; PFISTER, Gertrud (org.). **International encyclopedia of women and sports**. v. 1, New York: Macmillan Reference, p. 146-152, 2001.

CHAPMAN; David; VERTINSKY, Patricia. **Venus with biceps**: a pictorial history of muscular women. New York: Arsenal Pulp Press, 2010.

CHIÉS, Paula Viviane. "Eis quem surge no estádio: é Atalante! A história das mulheres nos jogos gregos. **Movimento**. Porto Alegre, v.12, n. 3, p. 99-121, set. / dez. 2006.

DAVIS-KIMBALL, Jeannine. **Warrior women**: an archaeologist's search for history's hidden heroines. New York: Warner Books, 2002.

GIANSANTI, Dario; GATTI, Gluseppina. **Profetesse, sovrane, guerriere: antichi miti di Boemia**. Itália: UFS, 2016.

GOLLNER, Silvana; FRAGA, Alex. Antinoüs e Sandwina: encontros e desencontros na educação dos corpos brasileiros. **Movimento**. Porto Alegre, v.9, n.3, p. 59-82, set. /dez. 2003.

GOLLNER, Silvana; FRAGA, Alex. A inominável Sandwina e as obreiras da vida: silêncios e incentivos nas obras inaugurais de Fernando de Azevedo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 25, n. 2, p. 71-84, jan. 2004.

GOULD, Stephen Jay. **As falsas medidas do homem**. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GUEDES, Dilmar. **Musculação**: estética e saúde feminina. São Paulo: Phorte, 2003.

GUIMARÃES NETO, Waldemar. **Além do anabolismo**. 2. ed., São Paulo: Phorte, 2006.

_____. **Musculação para mulheres**. São Paulo: Phorte, 2003 (Coleção Musculação Total, v. 3).

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. Campinas: Unicamp, n. 5, p. 07-41, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>>. Acesso em: jan. 2018.

HARGREAVES, Jennifer. **Heroines of sport: the politics of difference and identity**. London: New York: Routledge, 2000.

HILAIRE, Colette St. A dissolução das fronteiras do sexo. NAVARRO-SWAIN, Tânia (org.). **Textos de história**. Brasília: Editora UnB, v.8, n. 1/2, p. 85-110, 2000.

IRON game history. **Talking with the world's strongest women**. United States, august 1991. Disponível em: <<http://library.la84.org/SportsLibrary/IGH/IGH0106/IGH0106d.pdf>>. Acesso em: jan. 2018.

JAEGER, Angelita Alice; GOLLNER, Silvana. O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 19, n. 3, set./dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000300016>. Acesso em: jan. 2018.

KHROMOV, Alexander. **Circus female wrestlers at the turno of the XX century**. 23 jan. 2003. Disponível em: <<http://www.fscclub.com/history/circus-wre2-e.shtml>>. Acesso em: jan. 2016.

LESSA, Patrícia. Bodybuilders ou cyborgs? A reinvenção do corpo feminino. **Anais... I Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade: discutindo práticas educativas**. Porto Alegre: UFRGS, 16-18 mai. 2007. CD-Rom

_____. Corpos blindados: a desconstrução de gênero no fisiculturismo feminino. **Revista Ártemis**. v. 13, jan./jul. 2012, p. 210-221. Disponível em: <[file:///C:/Users/User/Downloads/14225-23058-1-SM%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/14225-23058-1-SM%20(3).pdf)>. Acesso em fev. 2015.

MORGAN, Robin. **Sisterhood is powerful: an anthology of writings from the women's liberation movement**. New York: Random House, 1970.

MOURA, Maria Lacerda. **Amai e... não vos multipliqueis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932.

PFISTER, Gertrud. A história delas no esporte: rumo a uma perspectiva feminista? In: ROMERO, Elaine (org.). **Mulheres em movimento**. Vitória: EDUFES, 1997. p. 91-111.

PLANT, Sadie. **Mulher digital: o feminismo e as novas tecnologias**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1999.

RAGO, Margareth; FUNARI, Pedro Paulo. Antigos e modernos: cidadania e poder médico em questão. _____ (org.). **Subjetividades antigas e modernas**. São Paulo: Annablume, 2008.

RODRÍGUEZ, Amparo Gómez. **La estirpe maldita**: la construcción científica de lo femenino. Madrid: Minerva, 2004.

RUBIO, Katia; SIMÕES, Antônio Carlos. De espectadoras a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Movimento**. a. V, n. 11, p. 50-56, 1999/2.

SVUB, Josef. **Historie síly**. Czech Republic: Svet Kulturistiky, 1997.